

## Barbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet: entre-vista mútua

Barbara Freitag – UnB  
Sérgio Paulo Rouanet – ABL

Entrevista realizada dia 8 de maio de 2007, entre Barbara Freitag e Sérgio Rouanet.

O casal se entrevista mutuamente a respeito dos respectivos livros recentemente lançados: **Riso e melancolia** (2007), de Sérgio Paulo Rouanet e **Teorias da cidade** (2006), de Barbara Freitag.

**Barbara:** Como surgiu a idéia do seu livro machadiano?

**Sérgio:** Ele surgiu da releitura pela centésima vez de *Memórias Póstuma de Brás Cubas*. Parti de uma observação relativamente trivial, o fato de que nesse livro Machado de Assis admite a influência de certos modelos europeus, basicamente Sterne, com *Tristram Shandy*, Xavier de Maistre, com *Viagem em torno do meu quarto*, e Almeida Garrett, com *Viagens na minha terra*. A importância desse fato não foi uma descoberta minha, pois ele já foi tematizado e amplamente investigado por vários autores. Mas essas afinidades sempre tinham sido vistas como se fossem influências ocasionais, de natureza temática. Os críticos procuravam apenas determinar em que medida certas passagens da obra de Machado de Assis conteriam idéias que pudessem ser atribuídas a Sterne e aos outros autores. O que me chamou atenção nessa enésima releitura de *Memórias Póstumas* foi que Machado de Assis não está se referindo as influências superficiais desse tipo, a uma ou outra imagem ou expressão que aparecem num autor e reaparecem no Machado de Assis. Não, ele não está se referindo a essas influências de circunstân-

cia, mas a algo de mais profundo, a uma afinidade de forma. Ele diz ter adotado a “forma” desses autores. Então decidi seguir até o fim essa “dica” de Machado, explicitando o vínculo interno que interliga os diferentes autores à luz da categoria de forma.

**Barbara:** Essa forma não tem algo a haver com o que Machado chama de “lavors”, que seriam comuns aos autores que ele menciona?

**Sérgio:** Sim. Machado diz que seu livro era taça que tinha “lavors de igual escola”, isto é, formalmente iguais aos dos livros de Sterne, Xavier de Maistre e Almeida Garrett, mas que o “vinho” era diferente: o dele era mais amargo que o dos seus modelos. Achei essa expressão tão sugestiva que minha primeira idéia foi intitular o livro *Lavors de igual escola*, idéia que meu editor Luiz Schwarcz vetou formalmente, confirmando com isso o seu grande bom senso... Mas a idéia dosavors dá uma boa idéia do que eu tenho em mente. São essesavors que constituem a forma comum, forma que eu chamei de “shandiana”, a partir do livro que a cria, *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne. Mas já falei demais. Agora é a minha vez de lhe devolver a pergunta. Como é que surgiu a idéia de escrever um livro sobre as teorias da cidade?

**Barbara:** Ele surgiu como vários dos meus livros, em sala de aula, no contexto docente/ discente, em diálogo de professor e aluno, e claro com leituras e releituras sobre a questão urbana, a cidade, e os teóricos que refletiram sobre ela, e que eu tentei intro-

duzir na sala de aula. Então, posso dizer que tudo começou com o primeiro curso que eu dei sobre o tema, um curso oficial na UnB, para alunos de pós-graduação, e que o final aconteceu no contexto de um curso de pós-graduação para várias orientações, geógrafos, antropólogos, urbanistas, arquitetos e sociólogos, em Salvador, num curso de mestrado e doutorado que eu dei no segundo semestre de 2005, a convite da universidade. Então gerou-se a idéia, inclusive a pedido dos alunos, de transpor essa discussão didática, mas divertida e descontraída, num livro que fosse de fácil acesso para outros leitores que não estivessem na minha sala de aula. Obviamente foram e estão sendo publicadas centenas de livros, inclusive traduções de grandes clássicos e de autores mais recentes, sobre a questão urbana. Manuel Castells, por exemplo, tem sido bastante discutido no Brasil. Mas minha contribuição específica é a inter e transdisciplinaridade. Eu não trato da questão urbana ou das teorias que refletem a cidade, seja na perspectiva do passado, do presente ou do futuro (cidades utópicas) a partir de uma disciplina específica, e sim, a partir de várias orientações, vários registros como digo no próprio livro – o registro filosófico, o registro histórico-cultural, o registro arquitetônico-urbanista, o registro econômico-político, e assim por diante. Esse, então, é o foco do meu trabalho. E o seu?

**Sérgio:** Já respondi em grande parte a essa pergunta. O foco do meu trabalho é, como o próprio subtítulo indica, a forma shandiana, a análise da forma shandiana nos vários autores indicados pelo próprio Machado de Assis, e no próprio Machado de Assis. Eu só me permiti acrescentar a esses quatro nomes um quinto, o de Diderot, cujo *Jacques o fatalista* é um livro shandiano exemplar, embora não tenha sido mencionado por Machado de Assis.

**Barbara:** Mas o que é, afinal, a forma shandiana?

**Sérgio:** Também nisso a resposta está esboçada no próprio Machado de Assis. É uma forma caracterizada pelos seguintes elementos estruturais: hipertro-

fia da subjetividade; digressividade e fragmentação; distorções espaciotemporais; e mistura de riso e melancolia. Esses elementos estão todos presentes em cada um dos livros shandianos.

**Barbara:** Passando do conteúdo ao contexto, em quanto tempo seu livro foi elaborado?

**Sérgio:** Bem, como você sabe, toda obra intelectual é um trabalho de longo prazo, durante o qual ela vai se gestando, às vezes inconscientemente, durante um certo número de anos. De repente há a eclosão, o que chamam de inspiração. Não é nada instantâneo, não é nenhuma explosão vulcânica repentina, mas é simplesmente uma manifestação externa, num ponto determinado, desse processo de longa duração. Eu diria que talvez a primeira vez que eu tentei pensar em algo mais específico sobre o tema desse livro, foi em 1985, quando escrevi na *Revista Brasileira* um ensaio em que eu prenunciava alguns temas que depois se cristalizariam em torno do conceito de forma shandiana. Mas a idéia se consolidou sobretudo no seminário que eu dei em Oxford, em 2004. Eu fui convidado pelo Centro de Estudos Brasileiros daquela Universidade para dar uma palestra sobre um tema de minha escolha e o que escolhi foi justamente a relação entre Machado de Assis e Sterne e os outros autores. Foi aí que tive a impressão de que essas idéias, que eram difusas e fragmentárias, tornaram menos fragmentadas e menos difusas. As idéias avulsas foram costuradas e surgiu a idéia do livro, que eu concretizei mais tarde, no ano passado. Foi numa estadia nossa em Tiradentes. Aliás, ou muito me engano ou foi também em Tiradentes que você juntou as reflexões e leituras esparsas que culminariam em *Teorias da cidade*. Estou certo?

**Barbara:** Sim. Digamos que o acabamento final e também as formulações, introdução, revisão dos tópicos e dos capítulos e conclusões foram elaboradas em uma espécie de retiro de trabalho em Tiradentes na primeira metade do ano passado. O fio condutor do trabalho, a idéia de organizar o livro segundo escolas, já vinha de antes, talvez pelo meu hábi-

to, nas aulas, de falar em escola de Frankfurt, ou, no âmbito específico da sociologia urbana, de Escola de Chicago. Mas foi efetivamente em Tiradentes que o grosso do livro foi costurado, em 2006. Mas já que falamos em Tiradentes, em nosso retiro de reflexão e diálogo, de que maneira você acha que participamos na elaboração das idéias um do outro? Talvez você possa dispensar minha ajuda, mas no que me diz respeito eu pessoalmente jamais posso abrir mão, para amadurecer os temas que me interessam, de uma conversa “*unter vier Augen*”, ou “entre nós”.

**Sérgio:** Isso também é absolutamente verdade para mim. Nós somos os maiores cúmplices intelectuais que existem, uma panelinha, talvez a menor panelinha do mundo, composta de apenas duas pessoas. Mas não é uma sociedade de admiração mútua, é uma sociedade crítica, uma comunidade a dois que embora tenha o amor como cimento não abre mão do debate e da reflexão construtiva. É uma crítica de amor, que nos ajuda a ir sempre mais fundo e mais além. São coisas que acontecem em geral no café da manhã, que nós cultivamos há 30 e tantos anos, desde que estamos casados, e que é realmente a parte mais interessante do dia, do ponto de vista do nosso convívio intelectual. Quase todas as nossas obras surgiram no café da manhã e também na *happy hour* que no Caso de Tiradentes é o nosso belíssimo pátio, onde nós tomamos nossas caipirinhas e nos divertimos e onde você canta músicas brasileiras e alemãs. Então eu diria que no caso específico do meu último livro sua influência foi decisiva, inclusive no sentido mais concreto, mais material possível, porque você ia a Oxford, participava ativamente das aulas, foi a mais assídua das minhas alunas. Quando você sentia que a turma estava um pouco letárgica, você injetava um pouco de entusiasmo, de vibração, fazendo perguntas provocadoras. É mais do que claro que sem você eu não teria podido escrever *Riso e melancolia*. E no caso de *Teorias da cidade*, você acha que eu pude ajudá-la um pouco?

**Barbara:** Sim, e não só nas conversas, porque você tem o hábito de revisar meus textos, para corrigir a pontuação (risos), que em geral eu erro porque as regras alemãs para a colocação de vírgulas são bem diferentes das brasileiras. Mas também há muita influência de conteúdo e constantes sugestões de leitura. E sou muito grata por seu companheirismo, dispondo-se sempre a fazer programas que são do meu interesse pessoal, como a visita que fizemos juntos ao familistério de Guise, na França, importante para mim no contexto do meu trabalho sobre as cidades utópicas. Lembro-me também de experiências intelectuais que fizemos juntos em minha área, como sua participação num seminário sobre a cidade, organizado por Jayme Zettel e Cléia Schiavo, e para o qual você preparou um texto sobre a cidade iluminista, que sempre incluo em minhas aulas e também no livro. Mas agora que eu estou com a mão na massa, gostaria de perguntar outra coisa. Como o seu novo livro se insere nas publicações anteriores?

**Sérgio:** Antes de responder essa pergunta eu gostaria de fazer um pequeno adendo ao tema anterior. Meu livro inclui várias coisas que nós fizemos juntos, entre elas viagens e passeios. Por exemplo, na última vez que estivemos na Inglaterra, em 2006, você me acompanhou com grande entusiasmo a uma visita que fizemos juntos a Shandy Hall, na cidade de Coxwold, onde morou e está enterrado Laurence Sterne, o fundador da dinastia shandiana. No fim do mesmo ano, você esteve comigo em Santarém, em Portugal, cidade longamente descrita por outro autor shandiano, Almeida Garrett, e onde aproveitamos para visitar o túmulo de Pedro Álvares Cabral. Agora, com relação à sua pergunta, em que você quer saber como *Riso e melancolia* se insere em minhas reflexões anteriores, começo dizendo que todo livro sempre introduz uma ruptura com o livro anterior. Mas no meu caso isso é especialmente verdadeiro, porque a minha maneira de proceder é uma maneira shandiana, no sentido de que raramente vou em linha reta, uma linha reta que se prolongue de livro em livro. Em geral quando eu termino um livro

já estou interessado em um assunto completamente diferente. Ora me interessa um tema de caráter mais sociológico e político, como a globalização e a modernidade, ora sigo uma trilha literária ou filosófica, ora uma trilha psicanalítica. É difícil, assim, perceber a continuidade. Meu último projeto de maior envergadura foi *Os dez amigos de Freud* que não tem aparentemente nada a ver com uma reflexão que parece ser puramente literária, como em *Riso e melancolia*. Mas por outro lado, justamente o exemplo dos *Dez amigos de Freud* mostra que a descontinuidade não é completa. O traço de união entre esses dois livros é a intertextualidade. Sempre me fascinou a idéia de dialogar com diferentes autores, de estabelecer pontes entre livros. Foi o que fiz nos *Dez amigos de Freud*, estabelecendo diálogos entre Freud e autores como Multatuli, Anatole France, Zola, Kipling e Mark Twain, e é o que voltei a fazer em *Riso e melancolia*, fazendo Machado de Assis dialogar com Sterne, Xavier de Maistre, Diderot e Almeida Garrett. Mas além dessa continuidade de procedimento, existe uma continuidade política e ideológica que se baseia na idéia do universalismo. Eu sempre achei que só o olhar de fora permite compreender corretamente realidades nacionais, o que não vem ocorrendo no caso no caso de Machado de Assis, que em geral é examinado quase exclusivamente na ótica brasileira, embora não tenham faltado ensaios de comparação com autores estrangeiros. Mas dessa vez eu tentei levar mais longe essa idéia universalista, segundo a qual a melhor maneira de compreender Machado de Assis é a partir de algo que lhe é externo. É um procedimento de extraterritorialidade, no sentido de que o olhar estrangeiro pode ser mais lúcido que o puramente nacional. Nessa perspectiva global, escrevi um livro que por um lado permitisse compreender melhor Sterne a partir de Machado de Assis, e por outro lado permitisse a partir de Sterne compreender melhor Machado de Assis. Bem, Barbara, agora é a minha vez. O que você tem a dizer sobre essa questão de como seu livro se inserir na série de suas publicações anteriores?

**Barbara:** Bom, o melhor roteiro para responder a essa pergunta foi elaborado pela Francisca Coelho e pela Nair Bicalho numa homenagem que a UnB, meus ex-alunos colegas me prestaram quando eu completei 30 anos de docência. Lore Fortes foi uma das participantes desse seminário e é uma das co-autoras do livro que dele resultou, *Os itinerários de Barbara Freitag*. Os organizadores focalizaram vários aspectos da minha atividade intelectual, dividindo o livro em quatro partes, que são, embora não necessariamente nessa ordem, mudança social e política educacional, psicologia e sociologia, marxismo e teoria crítica, e teorias da cidade. Há uma descontinuidade, se compararmos *Teorias da cidade* com livros pertencentes a outro grupo temático, como *Itinerários de Antígona*, mas há continuidade, se o confrontarmos com um livro situado no mesmo bloco temático, como *A cidade dos homens*. É nesse bloco temático que tenho trabalhado ultimamente, dedicando-me em tempo quase integral à questão urbana e à reflexão sobre a cidade. Mas agora queria introduzir outro assunto. Como foi o lançamento do seu livro, Sérgio, e qual a receptividade que ele tem encontrado?

**Sérgio:** *Riso e Melancolia* foi lançado no Rio, na Academia Brasileira de Letras. Houve bastante público, e todos os acadêmicos presentes no Rio compareceram. A acolhida por parte da crítica tem sido bastante favorável. Já saíram resenhas e entrevistas nos dois grandes jornais do Rio, o *JB* e *O Globo*, em *O tempo*, de Belo Horizonte, e no *Correio Braziliense*, de Brasília. Fui entrevistado em *Globonews*. Não posso me queixar. E agora você tem a palavra.

**Barbara:** Bem, já recebi vários ecos especialmente de colegas e alunos. Meu livro também foi lançado no Rio de Janeiro, no novo *shopping* do Leblon na Livraria Travessa. Bastante público, muitos leitores, mas a maior surpresa aconteceu bem no final do lançamento, quando apareceu o professor Cândido Mendes, que levou de um só golpe 25 livros, que ele distribuiria numa conferência de reitores que se

reuniria no dia seguinte. Eu me senti extremamente prestigiada com o comparecimento do Ministro Marcos Vilaça, Presidente da Academia Brasileira de Letras. Recebi de alunos, ex-alunos e colegas vários e-mails, o mais simpático vindo do meu ex-orientador, professor da Universidade Livre de Berlim, que acaba de escrever uma resenha que será publicada na Revista de Estudos Avançados da USP. O livro está bem lançado no mercado e já vendeu praticamente 1500 exemplares, devido também à Biblioteca Nacional, que comprou quase a metade da tiragem. Mudando de assunto: qual será seu próximo livro?

**Sérgio:** Voltando um pouco à pergunta anterior, eu estava me referindo apenas à repercussão escrita do meu livro. Acho que seria uma injustiça deixar de mencionar apreciações de outro tipo. Eduardo Portela, autor do importante Prefácio que acompanha meu livro, considera o livro uma contribuição importante para os estudos machadianos. O escritor Moacyr Scliar já se manifestou de uma maneira positiva, e vai publicar uma resenha. Ivan Junqueira e outros intelectuais também se manifestaram favoravelmente. Em suma, resumo minha resposta dizendo que a repercussão é satisfatória. Agora com relação a projetos para o futuro, há idéias e virtualidades que talvez permaneçam em estado de virtualidade. Entre elas está a idéia de fazer uma análise de conteúdo dos diferentes autores shandianos, indo além da forma. Como eu disse antes, Machado de Assis afirmou que embora os labores da taça fossem iguais, os vinhos eram diferentes. Então talvez fosse interessante num próximo livro, resolvida a questão da taça, abordar uma questão que eu sei que você adorará Barbara na qualidade de grande apreciadora de vinhos, examinar questões de conteúdo, saber porque a forma shandiana se concretizou de uma maneira na Inglaterra à véspera da revolução industrial, de outra na França pré-revolucionária do tempo de Diderot, de outra no período pós-revolucionário do tempo de Xavier de Maistre, de outra no Portugal burguês de Almeida Garrett, e de outra

no Brasil do segundo reino da época de Machado de Assis. Mas talvez nada disso seja feito de imediato, porque nos próximos meses estarei as voltas com as comemorações do ano Machado de Assis, em 2008. E você, Barbara, quais são seus planos imediatos?

**Barbara:** Eu considero o livro *Teorias da Cidade* a moldura teórica de uma pesquisa em andamento, que se chama *Itinerâncias Urbanas* e que eu comecei no ano 2000 na UNB, com dois grandes amigos Angélica Madeira e Brasilmar Nunes que trabalham dentro da mesma temática: a transferência das capitais brasileiras, de Salvador para o Rio e do Rio para Brasília. Dentro dessa moldura foram escolhidos focos especiais para cada um de nós. Eu escreverei um livro sobre as investigações que andei fazendo nesses seis anos sobre cada uma das cidades, a importância de cada uma enquanto capital e os problemas e transformações que ela sofreu quando deixou de ser capital, ou passou a ser capital de estado. Mas também quero tocar nos traços em comum que todas as três capitais têm enquanto grandes cidades modernas, pós-modernas com problemas e características que eu tematizo no final do livro – a megalopolização das grandes cidades, das megacidades e suas implicações negativas sobre o próprio tecido urbano, mas também sobre a estrutura societária brasileira.

**Sérgio:** Eu queria terminar, se você estivesse de acordo, com uma questão que não estava prevista em nosso roteiro inicial, mas que me ocorreu a medida que nos dois íamos conversando. Existiria alguma convergência entre meu livro e o seu, se não do ponto de vista do tema, pelo menos do ponto de vista da sua estruturação formal? Veja que nos dois casos, há um diálogo entre autores – autores shandianos, no meu livro, e teóricos da cidade, no seu. Nossa entrevista também foi conduzida dialogicamente, o que vai contra todas as regras da entrevista, em que há uma especialização de papéis entre quem pergunta e quem responde. Esse procedimento é por sua vez quase um exemplo de ação comunicativa, nos sentido de um autor que nos é comum,

Jürgen Habermas. Em suma, estamos conduzindo um diálogo em torno de dois livros construídos dialogicamente. Você acha isso rebuscado de mais, ou tem algum fundamento?

**Barbara:** Não é rebuscado, não. Há mesmo essa relação mimética entre nosso modo de fazer um livro e nosso modo de fazer uma entrevista: através do diálogo. Gostamos de pôr em contato autores, de simular por assim dizer, diálogos que eles poderiam ter tido, mas não tiveram. Através da intertextualidade, fizemos dialogar esses autores. No capítulo em que discuto a recepção da Escola Alemã, da Escola Francesa, da Escola Inglesa e da Escola Americana na teorização e na prática construtiva de pensadores brasileiros da cidade, como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, essa intertextualidade fica evidente. Ela se manifesta também na prática arquitetônica e urbanística que está acontecendo no Brasil e é enriquecida por outros dois teóricos que eu incluí no livro, como o geógrafo Milton Campos e Nestor Goulart Reis, o grande nome do urbanismo contemporâneo em São Paulo. De Thomas Morus a Lucio Costa e Oscar Niemeyer, tudo é intertextualidade, tudo é diálogo. Nossas conversas também são. E o diálogo continua.